

Literatura e educação: Propostas para as práticas escolares de (não) leituras literárias

Paula Cobucci (UnB)

O que e como ensinar quando se ensina literatura na escola? Para que ensinar literatura? Que literatura ensinar, os textos canônicos, os contemporâneos, literatura geral, literatura juvenil? O livro *Leitura de Literatura na Escola*, publicado pela Editora Parábola, organizado por DALVI, REZENDE e JOVER-FALEIROS, discute literatura e educação e apresenta propostas interessantes para o problema das práticas escolares de (não) leituras literárias.

LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA

Maria Amélia Dalvi
Neide Luzia de Rezende
Rita Jover-Faleiros
[orgs.]



Π
Parábola

Existem no mercado editorial diversos livros voltados ao ensino de língua na escola, mais especificamente leitura, redação e gramática. Mas poucos se detêm a pensar a literatura voltada à educação escolar. Em *Leitura de Literatura na Escola*, os autores partem de pesquisas acadêmicas e se propõem a discutir a leitura e a escrita literárias, o ensino de literatura, o sujeito leitor de literatura, a formação de professores, os materiais didáticos, os currículos e métodos de ensino de leitura e literatura na escola. A obra pode contribuir, portanto, para orientar o professor da Educação Básica quanto às suas práticas, na busca de um ensino de literatura mais significativo para os jovens estudantes dos dias de hoje.

O livro apresenta oito capítulos: Capítulo 1, “Aspectos metodológicos do ensino da literatura”; Capítulo 2, “O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino”; Capítulo 3, “A leitura literária como experiência”; Capítulo 4, “Literatura na escola: propostas didático-metodológicas”; Capítulo 5, “O ensino

de literatura e a leitura literária”; Capítulo 6, “Sobre o prazer e o dever de ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura”; Capítulo 7, “Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura”; Capítulo 8, “O saldo da leitura”. Todos os autores são professores de renomadas universidades brasileiras, as quais se destacam no ensino de literatura.

A ordem dos capítulos é bastante interessante e leva o leitor a, naturalmente, se interessar pelo capítulo seguinte. No Capítulo 1, Annie Rouxel parte de questões provocadoras para os professores de literatura: Para que ensinar literatura? Para aumentar a cultura dos alunos? (Qual cultura?) Para formar leitores? Para contribuir para a construção de identidades e compartilhar valores? E que literatura ensinar? Os textos canônicos? Os contemporâneos? Literatura geral? Literatura juvenil? Questões que, certamente, fazem parte das dúvidas dos professores de literatura.

A autora apresenta alguns avanços da pesquisa em literatura e em didática da literatura para propor mudanças importantes a serem consideradas. Discutem-se **mudanças expressivas no paradigma de literatura**, antes vista como “restrita aos textos legítimos”, com finalidade meramente estética, para uma concepção da literatura como ato de comunicação, em que seus processos de produção e recepção das obras (escritor, edição, crítica, leitores, escola) são considerados; na **leitura literária**, em que se passa a reconhecer de leitores modelos a leitores reais; na **cultura literária**, da concepção tradicional literária à cultura literária viva “concebida como um saber para si, para pensar, agir, se construir”. Mudanças que, consideradas, deverão modificar as práticas de ensino de literatura.

Rouxel indica, ainda, alguns fatores a serem observados na escolha das obras literárias a serem trabalhadas na escola. Mesmo ao reconhecer que o professor deve levar em conta os programas e as prescrições oficiais, sugere propor **diversidade de gêneros**: ao lado de gêneros tradicionais (romance, teatro, poema, ensaio), os novos gêneros (autoficção, história em quadrinhos,

álbum); **diversidade histórica**: obras canônicas, clássicas, mas também obras contemporâneas, literatura viva, que lança um olhar sobre o mundo de hoje; **diversidade geográfica**: literatura nacional, mas também estrangeira.

Por fim, a autora destaca que o papel do professor não deveria ser o de transmitir interpretações prontas, disponíveis nos livros didáticos e paradidáticos. Mas o de um profissional que considera diferentes parâmetros para propor a leitura do texto naquele contexto em que leciona. Segundo Rouxel: “Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade” (p. 32).

No título do capítulo 2, José Hélder Pinheiro Alves questiona “O que ler? Por que ler?” e, em seu texto, responde que “devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes – oral ou escrito. Porque toda vivência artística, de qualquer grupo, comunica uma experiência peculiar” (p. 36). E, para mostrar na prática como essa tese é possível, o autor discute o trabalho com a literatura de cordel articulada com obras da literatura canônica.

Alves destaca que “*nenhuma* história da literatura brasileira (desde a clássica obra de Sílvio Romero, de 1980; passando por José Veríssimo, de 1976; Ronald de Carvalho, de 1919; e a importante *Antologia nacional*, organizada por Fausto Barreto e Carlos Laet, de 1960; chegando às obras contemporâneas fundamentais, como *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi) trouxe como matéria de estudo a literatura oral de maneira geral ou, mais especificamente, a literatura de cordel” (p. 36). O que justifica as propostas apresentadas em seu capítulo.

Mas o autor evidencia que a literatura de cordel só poderá ser uma opção de leitura e estudo na escola se os professores forem leitores dessa literatura. Leitores capazes de articular diferentes perspectivas de leitura, de reconhecer preconceitos, de viajar nas utopias, de discutir questões sociais presentes nos

folhetos, e que, sobretudo, saibam ler em voz alta os folhetos, uma vez que estes nasceram da oralidade cantada ou recitada.

No Capítulo 3, Márcia Cabral da Silva inicia com um belo texto de Mário Quintana, que tem como cerne a importância das experiências proporcionadas pela vida no curso do tempo. E, em seu texto, toma como norte o romance autobiográfico de Graciliano Ramos, *Infância*, para relacionar a literatura com a compreensão do ser humano e do momento histórico em que vive, por meio das memórias do personagem na obra. Silva percorre esse caminho, utilizando trechos da obra de Ramos, os quais ilustram os argumentos evidenciados pela autora ao longo de seu Capítulo.

O Capítulo 4, da autoria de uma das organizadoras, Maria Amélia Dalvi, é um dos mais significativos em termos de discutir propostas didático-metodológicas para o ensino de literatura na escola. A autora se propõe a realizar – e efetivamente realiza – um diálogo entre pesquisas bibliográficas e experiências e vivências docentes na educação básica e na formação de professores em cursos de Letras e Pedagogia.

Dalvi argumenta que literatura não se ensina, se lê, se vive e que é necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes ao ensino de literatura. E ressalta que, para isso, é necessário compreender algumas questões: a) o que é literatura e prática de leitura literária historicamente e no momento contemporâneo; b) como e por que se lê literatura; c) como é possível se aproximar do texto literário; d) como as noções de literatura, leitura literária, texto literário, circuito-mercado-sistema literário se constituem; e) como o texto se inscreve em nossas leituras e vice-versa. Se tais questões estiverem claras para o professor, o ensino de literatura na escola poderá ser mais eficiente na formação de cidadãos leitores, capazes de se apropriarem da leitura como ferramenta para atuação social.

A autora justifica a importância da literatura para a educação em diversos níveis escolares. Menciona que, na Educação Infantil, além de ajudar as crianças a pensarem e a enfrentarem seus dilemas e problemas subjetivos, psíquicos, identitários, sociais, o trabalho com a literatura é fundamental também para que as crianças percebam: a sonoridade nas quadrinhas, nas cantigas, nos poemas, nas trovas; o uso de figuras de linguagem; a estrutura de narrativas; as informações relevantes no contexto da obra; a repetição de sílabas; os conteúdos ideológicos, psíquicos e históricos, o que também constituirá bases para a apropriação da escrita.

No Ensino Fundamental, segundo Dalvi, a criança passa a decidir o que deseja ler. Por isso a autora desperta a atenção do leitor de seu texto para a importância da biblioteca escolar com diversos gêneros textuais. Dalvi comenta que, no Ensino Médio, quando, supostamente os jovens deveriam ter acesso aos “clássicos”, há inúmeras falhas do sistema escolar quanto ao ensino de literatura: aprendizagem engessada das “escolas” literárias; o pouco tempo destinado à leitura literária; a fragmentação da disciplina língua portuguesa; a adoção de resumos canhestros das obras, entre outros.

A autora apresenta sugestões para o trabalho com o texto literário nos espaços e tempos escolares, em diálogo com as 10 teses propostas pelo Professor Vítor Manuel de Aguiar e Silva em *Teses sobre o ensino do texto literário na aula de português*, de 1998, as quais ajudam a pensar a literatura na escola. A partir daí, Dalvi divide propostas metodológicas, por eixos, para alcançar tais princípios: 1) o trabalho com a literatura na escola; 2) a seleção de textos literários para leitura na escola; 3) a avaliação do trabalho com a literatura na escola; e 4) os livros didáticos e o trabalho com a literatura na escola. Aspectos fundamentais, que permeiam a prática de todo professor de literatura.

No Capítulo 5, Neide Luzia de Rezende, também organizadora da obra, focaliza o ensino de literatura no Ensino Médio e propõe duas questões essenciais: 1) O que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura e 2) o

que se ensinaria se, de fato, se “ensinasse literatura”. A autora discute as perspectivas dominantes no ensino de literatura: obras centradas no nacionalismo literário; sequência temporal em uma lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas; história da literatura, tendo o livro didático como apoio. E finaliza resumindo como principal problema da leitura literária na escola a falta de espaço-tempo para essa prática.

No Capítulo 6, Rita Jover-Faleiros discute que ensinar a ler literatura pressupõe uma visão, uma figuração dos leitores que se pretende formar; a autora reflete sobre as formas como se discorre a propósito do ensino da literatura, dos leitores e da leitura para discutir como essas figurações apontam para os impasses que se colocam para a área. Para isso, toma como referência teóricos da literatura, como Leyla Perrone-Moisés, João Adolfo Hansen, Tzvetan Todorov, Pierre Bayard, Eagleton, Compagnon. Trata-se de um capítulo mais teórico, no qual a autora entrelaça conhecimentos teóricos sobre literatura com as experiências de construção de sentido por meio da leitura literária.

Robson Coelho Tinoco, responsável pelo Capítulo 7, mostra-se um dos autores mais pessimistas da obra, quando trata da relação aluno-professor nas salas de aula de literatura, “relação em que o aluno não ouve a mensagem do professor, não acredita em sua versão de humanidade, de poesia, de vida; em que o aluno sai de uma aula sobre leitura de textos líricos nacionais e se porta como um porta-estandarte multifacetado de modas e trejeitos culturais pretensamente globalizados” (p. 136).

Mas o autor propõe algumas soluções para a difícil realidade das aulas de literatura, como orientações para uma leitura produtiva: ler dialogicamente o mundo em uma obra escrita, “ler as marcas de um homem-sujeito que faz do mundo seu objeto de existência e comunicação” (p. 141); para a formação de sujeitos leitores, “leitor consciente, com senso de aprimoramento da leitura numa percepção estética e ideológica mais aguda” (p. 148); para o

desenvolvimento da competência avaliativa, “a realização de avaliação ético-estética (p. 145).

Para concluir o livro e as ideias propostas pelos autores ao longo da obra, Vera Teixeira de Aguiar propõe realizar “O saldo da leitura”, ao tratar da leitura de forma geral, como atividade de decodificação de um texto, mas também da percepção e interpretação dos sentidos do texto, do pensamento e intenções do autor. Esse processo de leitura pressupõe a participação de um leitor ativo, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas o qual interfere na construção dos sentidos, preenchendo vazios textuais de acordo com a sua experiência de leitura e de vida.

Além de ampliar a percepção sobre o papel tradicional do leitor, a autora alarga o conceito de texto, como todo e qualquer objeto cultural, verbal ou não. Portanto, para a autora, “música, pintura, cinema, televisão moda, esportes, falas partilham da qualidade de textos” (p. 154). Mas Aguiar enfatiza que é na área da ficção que o prazer de ler aumenta: “Ler ficção não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível [...]. O grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade” (p. 161).

A leitura do livro *Leitura de literatura na escola* levará o leitor a refletir sobre uma tendência comum na educação, que é o professor ensinar – independentemente da disciplina – da maneira como ele aprendeu na escola quando aluno. E essa tendência tende a manter práticas tradicionais de ensino, mesmo que ineficientes. As discussões propostas pelos autores sugerem a literatura “próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo [...], com manejo de recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais – inserida no mundo da vida e em conjunto com práticas culturais e comunitárias” (DALVI, p. 77). Essa é a grande proposta do livro, e os autores sugerem caminhos, os quais podem mudar os rumos do ensino de literatura no Brasil.

Paula Cobucci é doutora e mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. Foi professora da Universidade de Brasília, atuando na Faculdade de Educação, Departamento de Métodos e Técnicas (MTC), na área de Língua Materna. Foi Professora da Pós-Graduação em Língua Inglesa da Universidade Católica de Brasília. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Educação, Alfabetização e Letramento, Língua Materna, Literatura, Sociolinguística Educacional, Formação de Professores, Livro Didático, Variação Linguística.